

“Pessoal do Ceará”: viajando e cantando

Pedro Rogério¹
Universidade Federal do Ceará

Este artigo é um recorte da tese doutoral intitulada “A viagem como um princípio na formação do *habitus* dos músicos que na década de 1970 ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará” defendida em 2011 no Programa de Pós Graduação em Educação / Eixo Ensino de Música da Universidade Federal do Ceará – UFC.

Vamos aqui trazer as letras de algumas canções que narram os artistas em viagem ou que revelam uma nova perspectiva do agente por estar em deslocamento. Esta é uma confirmação da relevância do tema “a viagem na trajetória formativa dos músicos”, pois a canção traduz uma forma de leitura do próprio artista. Não por acaso muitos artistas trazem para suas canções a viagem como fonte de inspiração para suas narrativas. Muitas músicas apresentam o próprio cantor em viagem, descrevendo sua trajetória na qualidade de um músico que se lança na estrada e se dispõe a conhecer novas realidades, seja da nova paisagem urbana, do impacto com o ambiente mercadológico, seja da saudade aumentada pela distância, que narra a terra natal e a olha de um novo ponto de vista.

A canção se organiza como um sistema de signos que ganha significado dentro de um espaço datado; logo, o texto musical passa a fazer sentido no contexto. As significações musicais são internalizadas pelos artistas e passam a constituir novas formas de leituras da realidade; ou seja, a música exerce uma função mediadora entre a realidade concreta e as formas internas de percepção. As canções são a exterioridade da interioridade estruturada, que põem à mostra um “sistema de esquemas geradores de práticas” (BOURDIEU,

¹ Professor da Universidade Federal do Ceará - UFC. Doutor em Educação / Linha Currículo / Eixo Educação Musical pela UFC (2011). Mestre em Educação pela UFC (2006). Graduado em Música - Licenciatura - pela Universidade Estadual do Ceará (2000) . Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Currículo, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Musical, Formação de Professores, Currículo, Sociologia da Arte e EAD. Coordenador da Linha de Pesquisa Educação, Currículo e Ensino do Programa de Pós Graduação em Educação da UFC; Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos da Música Cearense - GRUPECE e do Laboratório de Epistemologia da Música da UFC. Vice-coordenador do Curso de Música - Licenciatura - da UFC.

2007), visto que – como nos explica Bourdieu – “nas disposições do *habitus*, se encontra inevitavelmente inscrita toda a estrutura do sistema das condições tal como ela se realiza na experiência de uma condição que ocupa determinada posição nessa estrutura (...)” (BOURDIEU, 2007).

Uma das canções canônicas da Música Popular Brasileira, **além das já citadas anteriormente neste trabalho**, descreve a chegada de Caetano Veloso em São Paulo, expondo, a partir do encontro com o novo, toda uma carga subjetiva, conflitos internos que ao final são resolvidos.

SAMPA
(Caetano Veloso)

Alguma coisa acontece no meu coração
que só quando cruzo a Ipiranga e a avenida São João
é que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi
da dura poesia concreta de tuas esquinas
da deselegância discreta de tuas meninas.
Ainda não havia para mim Rita Lee, a tua mais completa tradução,
alguma coisa acontece no meu coração
que só quando cruzo a Ipiranga com avenida São João.
Quando eu te encarei frente a frente não vi o teu rosto
chamei de mau gosto o que vi de mau gosto, mau gosto,
é que Narciso acha feio o que não é espelho
e a mente apavora o que ainda não é mesmo velho
nada do que não era antes quando não somos mutantes,
panamericas de áfricas utópicas
do túmulo mais possível novo quilombo de Zumbi
e os Novos Baianos passeiam na tua garoa
e os Novos Baianos te podem curtir numa boa.

O cantar na qualidade de uma atividade simbólica exerce uma função organizadora da ação e produz novas formas de comportamento. A música exerce uma função interpessoal, visto que coloca o artista em interação com o meio, mas exerce também uma função intrapessoal, pois participa do processo de interiorização das novas formas de relacionamento.

O artista que canta sua nova realidade é também encontrado em uma das faixas do disco “Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem – Pessoal do Ceará”, gravado em 1972 lançado em 1973.



Capa e contracapa do disco *Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem*.

E a parte interna das capas:



Parte interna das capas do disco *Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem*

Esse foi o primeiro *long play* (LP) registrado através de uma gravadora de grande porte (Continental) após a decisão dos agentes de migrarem para as grandes metrópoles brasileiras (ROGÉRIO, 2008); e o LP acima mencionado tornou-se, então, um marco na aventura de desbravamento de um novo universo de possibilidades artísticas para esses criadores sedentos de serem

ouvidos, reconhecidos e aplaudidos. A socióloga Mary Pimentel Aires (2002, p. 22), primeira pesquisadora sobre esses artistas, assim o classifica:

Reunindo canções como Beira-Mar e Terral, de Ednardo, Cavalo Ferro, de Fagner e Ricardo Bezerra, o disco Pessoal do Ceará – Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem, produzido por Walter Silva para a gravadora Continental, em 1972, constituiu-se como marco na incursão dos novos compositores cearenses no mercado fonográfico.

A música² “Curta Metragem” de Rodger Franco de Rogério e Dedé Evangelista, este último, que é o letrista, descreve a urbanização das capitais brasileiras em meados da década de 1960:

CURTA METRAGEM
(Rodger Franco de Rogério e Dedé Evangelista)

Embaixo das marquises
nem tristes nem felizes
olhando, olhando a chuva cair
não há nada pra ser feito
está tudo, tudo tão direito

A noite vem chegando
um ônibus parando
a vida, a vida é mesmo normal
será que ninguém sabe
aquilo, aquilo que não cabe
nas folhas, nas folhas, nas folhas de jornal

Primeiro uma atitude
segundo algo que mude
terceiro ação, ação de mudar
porém nada acontece
um táxi, um táxi aparece
melhor, bem melhor, melhor se desculpar

Ao descrever, o letrista analisa sua condição frente à realidade; ao mesmo tempo em que internaliza o artista também se posiciona dentro do campo social. Ainda que nossa análise se atenha às letras é importante ressaltar dois aspectos: 1. O parceiro do letrista, que é o compositor da música, (quando a mesma é composta em parceria com dois ou mais compositores)

² Utilizaremos a expressão “música” como sinônima de “canção”, ou seja, da forma como corriqueiramente já utilizamos.

está envolto na mesma realidade, no mesmo contexto. A canção é um gênero musical que nasce da fusão da letra com a música; ou seja, a letra sem a música em geral perde muito do sentido dado pela melodia, harmonia e ritmo e vice versa, a música com a letra ganha novas significações. 2. Mesmo quando o artista não é nem o compositor da música, nem da letra e sim é o intérprete, ainda assim, esta canção tem um significado em sua trajetória, pois entrou na sua seleção, no seu poder de julgar o que faz ou não sentido para si na qualidade de músico. Estas escolhas que atendem ao gosto musical do intérprete e o *habitus* do artista estão imbricados, um reforça, afirma e confirma o outro. A escolha é um ato de classificação e indica estilo, uma forma de se posicionar e se movimentar no espaço social estruturado em *estilos de vida*, na forma de ser e estar no mundo. Bourdieu nos ajuda a esclarecer esta reflexão.

(...) o *habitus* é, com efeito, *princípio gerador* de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, *sistema de classificação (principiū divisiones)* de tais práticas. Na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, ou seja, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, além da capacidade de diferenciar e de apreciar essas práticas e esses produtos (gosto), é que se constitui o *mundo social representado*, ou seja, o *espaço dos estilos de vida*. (BOURDIEU, 2007, p. 162)

Ednardo musicou e gravou uma letra de Tânia Araújo que revela uma postura crítica frente a um dos recursos mais característicos da indústria cultural, um dos mais conhecidos medidores de audiência - o Ibope³. Vejamos a letra de “Palmas pra dar ibope”, que também se insere no *disco-marco* “Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem – Pessoal do Ceará”.

PALMAS PRA DAR IBOPE (Ednardo e Tânia Araújo)

Palmas pra dar ibope, palmas pra dar ibope, palmas pra dar ibope
bate, bate, bate, bate.

³ Multinacional brasileira de capital privado, o IBOPE é uma das maiores empresas de pesquisa de mercado da América Latina. Há 68 anos fornece um amplo conjunto de informações e estudos sobre mídia, opinião pública, intenção de voto, consumo, marca, comportamento e mercado.

<http://www.ibope.com.br/calandraWeb/servlet/CalandraRedirect?temp=5&proj=PortalIBOPE&pub=T&comp=Grupo+IBOPE&db=caldb&docid=8D60A353BFE2430783256E60006C4316>
acessado em 18 de janeiro de 2011.

O desassossego, ronda nossa aldeia,
as nuvens cativas e canções radioativas.
O desassossego ronda nossa aldeia,
orações e a teia de súbitas virtudes.

Céus, celulosos, celulites tropicais,
as elites e os demais rondam nossa aldeia.
Sons, megatons, de uns versos obscenos,
a vingança e o veneno rondam nossa aldeia.
Mas tanto faz.

O IBOPE é contratado por empresas de comunicação que verificam suas audiências junto aos seus públicos, os números das estatísticas interessam ao mercado, pois estes guiam parte dos investimentos de empresas anunciantes em rádio, televisão, jornal, revistas (hoje também na Internet) formando um sistema auto-referenciado que vendem estilos de vida. A palavra “ibope” passou a significar estas intenções mercadológicas que ameaçam a independência dos artistas e é a este “ibope” que se referem Tânia e Ednardo.

Continuando com as canções do *disco-marco* “Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem – Pessoal do Ceará”, encontramos “Cavalo-Ferro” de Fagner e Ricardo Bezerra que descreve justamente a primeira viagem de Fagner para Brasília, cidade que o lançou definitivamente no campo musical brasileiro.

CAVALO FERRO
(Fagner e Ricardo Bezerra)

Montado num cavalo ferro
Vivi campos verdes, me enterro
Em terras trópico-americanas
Trópico-americanas, trópico-americanas
E no meio de tudo, num lugar ainda mudo
Concreto ferro, surdo e cego
Por dentro desse velho, desse velho
Desse velho mundo
Pulsando num segundo letal
No planalto central
Onde se divide, se divide, se divide
O bem e o mal
Vou achar o meu caminho de volta
Pode ser certo, pode ser direto
Caminho certo sem perigo, sem perigo
Sem perigo, sem perigo fatal.

Trazemos as palavras do próprio letrista de “Cavalo Ferro”:

“Cavalo Ferro” foi uma coisa que veio assim direto no Anísio [bar que se localizava na beira-mar e que foi um dos principais pontos de encontro desses artistas], eu pedi o bloco de notas do garçom e a caneta e ali mesmo veio, sabe... porque tem música que você constrói, você tira um bloco, puxa dali, puxa daqui, de acolá, troca verso. “Cavalo Ferro” não, foi, veio direto, direto, direto, verso por verso, um atrás do outro, o que o Fagner fez foi algumas repetições e tirou uns três antes que tinha no final que eu nem me lembro mais e ela foi inspirada na vida dele em Brasília. Ele tinha acabado de vir de Brasília, ainda na época da dureza, veio de ônibus e o “Cavalo Ferro” nada mais era que um velho... sei lá... expresso de luxo desses da vida que ele tinha vindo sacolejando de lá pra cá, no começo de vida, e Brasília era naquela época da efervescência, regime militar e tal tem todas aquelas referências ligadas... muito sutis, né, da história de Brasília, do regime militar e que na época a censura, qualquer coisa ela queria dar o *pitaco* dela e em “Cavalo Ferro” ela não se dando por satisfeita de aprovar aquilo do jeito que tava, mandou trocar *se decide* por *se divide*, e como são palavras parecidas, cá pra nós, não diferencia muito uma da outra, então são as coisas da vida, da história, né?” (Ricardo Bezerra, 6 de junho de 2006).

A canção “Cavalo Ferro” nos traz as seguintes temáticas: viagem (ida), o planalto central – notadamente Brasília – como centro de decisões dos destinos da nação e a volta da viagem. O artista vai ao centro do poder, olha, vive, sente, analisa e traduz suas impressões em canção. Neste sentido podemos falar que a Música Popular Brasileira funciona como uma sociologia, onde o artista é o pesquisador que vai a campo, coleta os dados e os organiza esteticamente. Particularmente os cantores e compositores do Pessoal do Ceará são indivíduos letrados que desenvolvem reflexões sobre as situações políticas e culturais do país e também sobre suas relações com o mercado e as mídias. Por isso estas canções vêm confirmando o que estamos asseverando: a viagem participa de maneira relevante na formação de músicos. Ainda com o *disco-marco* encontramos as reflexões dos artistas em relação a uma das mídias mais poderosas do século XX.

A MALA

(Rodger Rogério e Augusto Pontes)

Meus olhos cansados de ver o mundo
Meus olhos molhados de ver o mundo
Meus olhos cansados de viver no mundo

Meus olhos molhados de viver no mundo

Meus olhos parados no meio do mundo
Mil olhos olhados no canto da sala
Do mundo onde vou

Nossos olhos guardados dentro da mala
Do mundo onde estou
Nos olhos, olhares sem ver o mundo
Mil mundos rodando no canto da sala

Na sala mortiça, a mala piscando
Na sala a preguiça da mala no canto
A mala estende seu manto na sala
A sala se cala no canto da mala
Mil olhos se flecham no canto da sala
Da sala

Sentado, sentido, ouvido, perdido
Comovido, comedido, com que digo, consentido
Áspera a espera
Aspirina, aspirando, respirando, suspirando
Vendendo, vendado, vedando

Pisca, piscando, preguiça, na sala, na mala
Fumaça azul, luz, luz e lágrimas
No nicho, no luxo no lixo
Num minuto escuto, lato e luto
Vendo, só vendo, sorvendo, vendendo
Vendido na mala perdido
Num canto da sala

Voz mansa de criança
Dança e trança a esperança
No embalo da mala, embalagem vendendo
Vedando, minhas portas, meus sentidos
Minha chave, meu segredo, mil cuidados, não ter medo
Pisca, pisca, em ti e em mim, coisas assim
Coisas assim e et cétera.

A mala que pisca no canto da sala é a televisão que na década de 1970 chegava com toda a força mercadológica e Augusto Pontes que se tornou, mais tarde um dos publicitários de maior destaque no Ceará, rapidamente percebeu o poder de venda da televisão, “venda” no sentido da conjugação de dois verbos ao mesmo tempo: vender e vendar. Em um só tempo vende os produtos mercadológicos e venda os sentidos do consumidor que passa a ser

guiado ou hipnotizado pelo embalo da televisão. O consumidor comovido sente e consente.

Augusto Pontes é considerado o guru desta geração Pessoal do Ceará, pois na qualidade de filósofo, comunicador e parceiro nas artes desenvolveu reflexões instigantes que colaboraram com o crescimento artístico e intelectual dos agentes que com ele conviveram. Não por acaso as letras das canções e mesmo as entrevistas concedidas pelos agentes para este trabalho se encaixam com a teoria. O consumidor que consente na letra de Augusto Pontes nos remete a considerações centrais da sociologia de Bourdieu relativo ao *poder simbólico* que é “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2005). Ainda com o autor da *praxiologia* encontramos que:

O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder (...) [operando] a transmutação das diferentes espécies de capital em capital simbólico e, em especial, o trabalho de dissimulação e de transfiguração (numa palavra, de *eufemização*) que garante uma verdadeira transubstanciação das relações de força fazendo ignorar-reconhecer a violência que elas encerram objetivamente e transformando-as assim em poder simbólico, capaz de produzir efeitos reais sem dispêndio aparente de energia. (BOURDIEU, 2005, p.15).

As reflexões na canção “A mala” coincide com as do autor que guiou nossa pesquisa neste trabalho.

Retornando ao *disco-marco* encontramos mais uma canção que é especialmente importante para verificarmos a relevância do tema em pauta; trata-se de Ingazeiras de Ednardo. Um artista descrevendo a viagem de outro artista.

INGAZEIRAS
(Ednardo)

Nascido pela Ingazeiras
Criado no ôco do mundo
Meus sonhos descendo ladeiras
Varando cancelas
Abrindo porteiras

Sem ter o espanto da morte
Nem do ronco do trovão
O sul, a sorte, a estrada me seduz
É ouro, é pó, é ouro em pó que reluz
É ouro em pó, é ouro em pó
É ouro em pó que reluz
O sul, a sorte, a estrada me seduz.

Esta é a primeira faixa do “lado A” do *long-play* referência para este trabalho. O disco traz no título o tema da viagem – Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem – e abre com uma canção que trata do mesmo tema. “Ingazeiras” foi composta para o artista plástico cearense Aldemir Martins. Os artistas Belchior, Ednardo, Rodger e Têti integravam a equipe do programa de entrevistas “Proposta” na TV Cultura de São Paulo, produzido e apresentado pelo jornalista Julio Lerner. A função dos compositores era visitar o entrevistado antes do programa, recolher informações que seriam abordadas no programa, com esses dados compor uma música e apresentar durante o programa. Aldemir Martins ao contar sua história de vida para Ednardo colocou em destaque essa vontade de sair do “oco do mundo” e com o desejo de realização de seus sonhos varar cancelas, abrir porteiras. Para isto precisou ser destemido, “sem ter o espanto da morte, nem do ronco do trovão”, pois a força de sedução do sul, da sorte e da estrada são mais fortes. A transmutação do desejo em realidade é o ouro deste artista plástico. O seu “ouro em pó” que reluz como um oásis em meio as dificuldades e limitações de sua origem social se encontrava na coragem de sair e efetivar seus sonhos.

O jornalista Dalwton Moura em artigo publicado em jornal impresso em maio de 2004, assim nos informa:

Para Rodger e Têti, Ednardo e Belchior, uma das primeiras chances em São Paulo foi o programa “Proposta”, da TV Cultura. A idéia era compor canções que ilustrassem a história de cada entrevistado - cerca de oito músicas para cada programa, semanal. O “Pessoal do Ceará”, alcunha informal do radialista Júlio Lerner, topou a parada (o MPB-4 fora convidado, mas recusou a “proposta”). Dessa verborrágica criação, ficaram canções como “Ingazeiras” (que ilustrou o programa dedicado a Aldemir Martins) e “Chão Sagrado” - singular parceria entre Rodger e Belchior, composta a partir de

uma menção, vejam só, de Paulo Vanzolini ao Ceará.
(DALWTON MOURA⁴)

A segunda faixa do mesmo disco traz a canção “Terral” de Ednardo que mais uma vez coloca o artista na perspectiva daquele que está em viagem, pois se reporta à terra natal – o Ceará – falando do lugar de quem saiu e apresenta sua paisagem natural e social.

TERRAL
(Ednardo)

Eu venho das dunas brancas
Onde eu queria ficar
Deitando os olhos cansados
Por onde a vida alcançar
Meu céu é pleno de paz
Sem chaminés ou fumaça
No peito enganos mil
Na Terra é pleno abril
Eu tenho a mão que aperreia, eu tenho o sol e areia
Eu sou da América, sul da América, South America
Eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia, eu sou do Ceará
Aldeia, Aldeota, estou batendo na porta prá lhe aperriar
Prá lhe aperriar, prá lhe aperriar
Eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia, eu sou do Ceará
A Praia do Futuro, o farol velho e o novo são os olhos do mar
São os olhos do mar, são os olhos do mar
O velho que apagado, o novo que espantado, vento a vida espalhou
Luzindo na madrugada, abraços corpos suados na praia falando amor.

“Eu venho das dunas brancas” indica que o autor está declarando para outrem de onde veio, logo não está no Ceará. “Onde eu queria ficar” nos traz novamente o tema da saudade daquele que se distanciou do seu lugar de origem. “Deitando os olhos cansados” o viajante recorrentemente se apresenta como alguém que está cansado, pois utiliza suas energias no trajeto, o que nos remete ao título do próprio disco “Meu corpo minha embalagem todo gasto na viagem”. O autor diz que o “céu é cheio de paz, sem chaminés ou fumaça” e logo em seguida se reposiciona confessando que há “no peito enganos mil”, pois o céu cearense não é tão limpo assim. O artista cearense se reconhece em um contexto mais amplo afirmando: “Eu sou da América, sul da América,

⁴ <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=160023>> acessado em 20 de janeiro de 2011.

South America”. O termo em inglês remete aos fenômenos inter-culturais vividos por esses artistas e intelectuais que remontam a idéia antropofágica da Semana de Arte Moderna de 1922. O lixo e o luxo invertem a ordem dos valores tão em voga em tempos de transgressão onde o bandido morto no asfalto é símbolo de heroísmo como em “seja marginal, seja herói” de Helio Oiticica. Aldeota era o bairro da aristocracia cearense⁵ e os artistas de classe média estavam mexendo com os valores estabelecidos pela tradição, por isso o autor declara “Aldeia, aldeota estou batendo na porta pra lhe aperrear”. A canção traz ainda o mote do encontro entre o novo e o velho e entre corpos suados que por fim retoma o tema maior dos artistas: “falando amor”. A letra original trazia a expressão “fazendo amor” e como a censura precisava mudar alguma coisa, fez essa modificação que não chegou desvirtuar os sentidos da canção.

A música “Chão Sagrado” de Rodger e Belchior citada anteriormente por Dalton Moura, também apresenta ao Brasil, via sudeste e mais especificamente São Paulo pela TV Cultura, as origens destes artistas cearenses.

CHÃO SAGRADO
(Rodger Rogério e Belchior)

Você conhece o Nordeste
Palmilhou seu chão sagrado
Viu cascavel em coluna
Sol quente pra todo lado

Você conhece o Nordeste
Morro Branco e Quixadá
Palmilhou seu chão sagrado
Por isso pode falar

Minha viola e meu peito
Canta e nunca desafina
Ela é que sabe dos modos
Da cantoria nordestina

⁵ Hoje as cotações imobiliárias de Fortaleza (capital do Ceará) já mudaram, mas no período o bairro Aldeota abrigava as classes dominantes.

Esta canção deu título ao disco gravado por Rodger e Têti em 1974 pela RCA Victor e, justamente, este *long play* foi registrado após uma longa viagem em dois carros de Fortaleza para São Paulo. Nesta letra os nordestinos Rodger e Belchior trazem da entrevista que realizaram com Paulo Vanzoline, para o programa “Proposta” da TV Cultura, o sentido de sagrado dado pelo compositor de “Ronda” às terras nordestinas e mais especificamente ao Ceará, quando cita Quixadá (cidade do sertão central do Ceará) e Morro Branco (localidade litorânea do Ceará no município de Beberibe). Trazendo o nome da canção para o título do disco e incluindo a mesma no repertório Rodger apresenta aos futuros ouvintes suas origens reforçando seu vínculo com terra natal.



Continuando com o disco “Chão Sagrado”, Rodger compôs em parceria com Dedé mais uma canção que contextualiza o Nordeste no Brasil e no mundo.

BYE, BYE BAIÃO
(Rodger Rogério e Dedé Evangelista)

Lá no meu sertão tem o peso do mormaço na imensidão
Tem o cheiro de bagaço de cana no chão
Desafio, vaquejada, noite de São João
Prato fundo de coalhada, leite, requeijão
Tem morena e tem a torre da televisão
E eu digo: bye, bye, bye, bye baião
Não há mais gente, ó não
Tá tudo enfrente da televisão
Jerimum com leite em pó,
mungunzá com *dietil*
Tem uma lua de metal pelo céu desse Brasil
E eu digo: bye, bye, bye, bye baião
Nas salas de visitas onde cochilam os coronéis
Passeiam pelo espaço
Apolo 8, Apolo 9, Apolo10
E eu digo: bye, bye, bye, bye baião.

Aqui encontramos uma descrição do clima, do cheiro, das festas e da culinária do sertão nordestino; ao se reportar à televisão a leitura do artista já se “contamina” com o inglês e funde sonoramente a expressão de despedida *bye, bye* com baião, dando um adeus a uma cultura antes sem contato com o início da mundialização cultural via televisão, a partir daí as culturas se misturam cada vez mais: jerimum com leite em pó, mungunzá com *dietil*; mais uma vez a letra traz a tecnologia com uma “lua de metal” que são os satélites transmissores das ondas televisivas. Os coronéis citados na letra podem ser tanto uma alusão aos militares como aos coronéis do sertão que oprimiam o povo tanto quanto os militares no período de exceção do governo brasileiro de 1964 a 1988. E indiferente a toda a situação social posta a tecnologia com seus foguetes exploram o espaço sideral.

Chama-nos a atenção ainda o primeiro *long-play* de Fagner o “Manera frufu manera”, gravado em 1973 pela Philips que abre com uma canção que traz o tema da “não viagem”, que traduz o vínculo com a cidade de origem daquele que viajou.

ÚLTIMO PAU-DE-ARARA
(Venâncio, Corumbá e J.Guimarães)

A vida aqui só é ruim
Quando não chove no chão
Mas se chover da de tudo
Fatura tem de montão

Tomara que chova logo
Tomara meu Deus, tomara
Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara

Enquanto a minha vaquinha
Tiver a pele e o osso
E puder com o chocalho
Pendurado no pescoço

Eu vou ficando por aqui
Que Deus do céu me ajude
Quem sai da terra natal
Em outros cantos não para

Só deixo o meu Cariri
No último pau-de-arara

Fagner se apresenta ao Brasil como alguém que mesmo estando no centro dos acontecimentos naquele período não se desvinculava da sua terra natal. O *habitus* primário de Fagner envia um recado para a sua origem nordestina ou como se diz no ditado popular: “Fagner saiu do Nordeste, mas o Nordeste não saiu de Fagner”. E esta ideia se confirma com “Sina”, no mesmo disco.

SINA

Fagner, Ricardo Bezerra e Patativa do Assaré

Eu venho desde menino
Desde muito pequenino
Cumprindo o belo destino
Que me deu Nosso Senhor

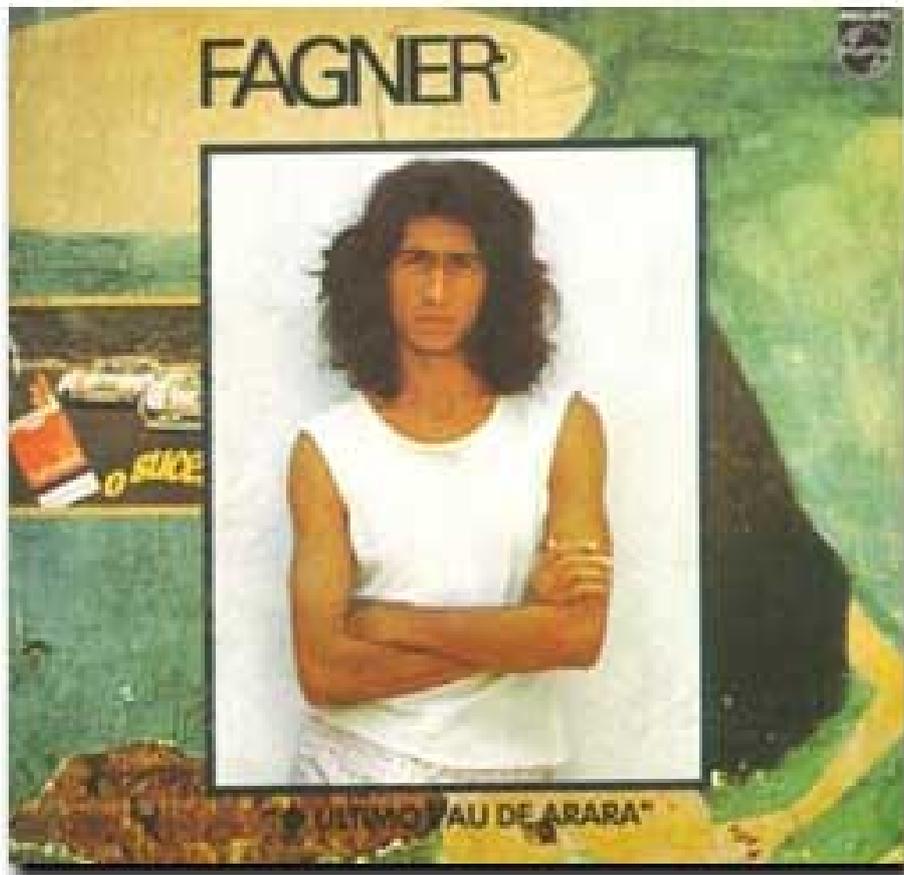
Não nasci pra ser guerreiro
Nem infeliz estrangeiro
Eu num me entrego ao dinheiro
Só ao olhar do meu amor

Carrego nesse meus ombros
O sinal do Redentor
E tenho nessa parada
Quanto mais feliz eu sou

Eu nasci pra ser vaqueiro
Sou mais feliz brasileiro
Eu num invejo dinheiro

Nem diploma de doutor

Estas são canções de um viajante que olha para sua terra natal. Quando diz que não nasceu pra ser infeliz estrangeiro, Fagner expressa o incômodo ao chegar no Rio de Janeiro e em São Paulo, de pessoas que os vêem de uma outra posição. Ir ao encontro do outro, lançar-se para fora de si, sair da sua terra natal é uma experiência rica, de crescimento, de aprendizagem, mas não é fácil nem cômoda. E mesmo frente ao prazer das descobertas, sentir o outro, o diferente, necessita de um tipo de encorajamento que só se encontra nas disposições, no *habitus*.



Ainda no disco “Manera frufu manera” encontramos trechos em outras canções que passam pelo tema da viagem, seja pela vontade de partir, seja pelo desejo do regresso, seja narrando a própria caminhada⁶.

⁶ A discografia completa de Fagner pode ser encontrada no endereço eletrônico <http://www.fagner.com.br/>.

- Faixa 2 – Título: “Nasci para chorar” (*Born to cry*) de Dion e Dimucci (versão de Erasmo Carlos). Fragmento da letra: “Eu levo a minha vida chorando pelo mundo (...)”;
- Faixa 4 – Título: “Moto 1” (Fagner e Belchior). Fragmento da letra: “Eu preciso é disso mesmo (...) A moto macia e leve pra cruzar a geografia da minha melancolia, porque a vida é mesmo breve.”;
- Faixa 5 – Título: “Mucuripe⁷” (Fagner e Belchior). Fragmento da letra: “Vida, vento, vela, leva-me daqui”.
- Faixa 8 – Título: “Cavalo Ferro” (Fagner e Ricardo Bezerra). Letra já analisada anteriormente.

Trazemos a seguir fragmentos de letras de um movimento contemporâneo - que também foi referência para o Pessoal do Ceará - o “Clube da Esquina”, gravado em 1972 pela EMI-ODEON que revela este mesmo tema de forma muito presente.

- Faixa 1 – Título: “Tudo o que você podia ser” (Lô Borges e Márcio Borges). Fragmento da letra: “Com sol e chuva, você sonhava que ia ser melhor depois, você queria ser o grande herói das estradas, tudo o que você queria ser.”
- Faixa 2 – Título: “Cais” (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos). Aqui apresentamos a letra na íntegra, por ser toda ela uma descrição de quem quer viajar, se soltar, se lançar:

Para quem quer se soltar invento o cais
 Invento mais que a solidão me dá
 Invento lua nova a clarear
 Invento o amor e sei a dor de me lançar
 Eu queria ser feliz
 Invento o mar
 Invento em mim o sonhador
 Para quem quer me seguir eu quero mais
 Tenho o caminho do que sempre quis
 E um saveiro pronto pra partir
 Invento o cais

⁷ “Mucuripe” é um bairro da cidade de Fortaleza onde se encontra o porto da cidade para aportar os navios e a praia é local de chegada das jangadas dos pescadores.

E sei a vez de me lançar

- Faixa 3 – Título: “Trem Azul” (Lô Borges e Márcio Borges). Fragmento da letra: “você pega o trem azul”
- Faixa 4 – Título: “Saídas e Bandeiras nº1” (Milton Nascimento e Fernando Brant). Aqui apresentamos toda a letra, por ser toda ela uma descrição de viagem no sentido da exploração, da busca pelo desconhecido.

O que vocês diriam dessa coisa
Que não dá mais pé?
O que vocês fariam pra sair desta maré?
O que era sonho vira terra
Quem vai ser o primeiro a me responder?

Sair desta cidade ter a vida onde ela é
Subir novas montanhas diamantes procurar
No fim da estrada e da poeira
Um rio com seus frutos me alimentar

Aqui o autor subverte a ideia das entradas e bandeiras que encetou um genocídio no final do século XVII e início do século XVIII. “Nessa vertente explicativa, os colonos, penetrando os sertões, avançaram indiscriminadamente sobre territórios indígenas, dizimando toda a população nativa” (RESENDE, 2005). Não só subverte, mas transforma a má intenção em um bom desejo de explorar, no melhor sentido desta palavra

- Faixa 5 – Título: “Nuvem cigana” (Lô Borges e Ronaldo Bastos). Fragmentos da letra: “No pó da estrada, pó, poeira, ventania, se você soltar o pé na estrada (...) sol, sereno, ouro e prata, sai e vem comigo (...) meu nome é nuvem, pó, poeira e movimento (...)”
- Faixa 11 – Título: “Clube da esquina nº2” (Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges). Fragmento da letra: “Porque se chamava moço, também se chamava estrada, viagem de ventania, nem lembra se olhou pra trás ao primeiro passo (...)”.

Este fragmento da letra de “Clube da esquina nº2” nos remete ao mito de Orfeu que nos interessa na qualidade de um músico que se lança na viagem mais desafiadora que pode existir: ir ao inferno em busca da sua amada. Com

sua lira, que foi um presente de Apolo, inicia a viagem, contudo Zeus lhe adverte que não poderia olhar para trás. Essa ideia se renova com os músicos aqui em questão, pois se lançam e não podem olhar para trás, ou seja, o arrependimento não é permitido. O mercado fonográfico que em outras palavras Theodor Adorno poderia chamar de inferno não permite agentes vacilantes, em dúvida, com um pé dentro e outro fora.

- Faixa 20 – Título: “Nada será como antes” (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos). Fragmento da letra: “Eu já estou com o pé nessa estrada, qualquer dia a gente se vê, sei que nada será como antes, amanhã.”

Os artistas do Pessoal do Ceará e do Clube da Esquina são agentes que guardam semelhanças advindas do momento histórico político-cultural brasileiro; e também por serem jovens em busca do novo que, por não se encontrarem nos centros difusores da cultura, necessitam sair da cidade, viajar, alargar os horizontes e conquistar seus espaços.

Trazemos ainda, antes de concluir este texto, mais uma canção emblemática que narra o artista que vê a viagem como seu destino, a caminhada com sua viola.

AMANHECEU, PEGUEI A VIOLA (Renato Teixeira)

Amanheceu, peguei a viola botei na sacola e fui viajar
Sou cantador e tudo nesse mundo, vale pra que eu cante e possa praticar.
A minha arte sapateia as cordas e esse povo gosta de me ouvir cantar.
Amanheceu, peguei a viola botei na sacola e fui viajar.

Ao meio-dia eu tava em Mato Grosso, do sul ou do norte, não sei explicar.
Só sei dizer que foi de tardezinha, eu já tava cantando em Belém do Pará.
Amanheceu, peguei a viola botei na sacola e fui viajar.

Em Porto Alegre um tal de coronel, pediu que eu musicasse um verso que ele fez.

Para uma china, que pela poesia, nem lá em Pequim se vê tanta altivez.
Amanheceu, peguei a viola botei na sacola e fui viajar.

Parei em Minas pra trocar as cordas, e segui direto para o Ceará.
E no caminho fui pensando, é lindo,
Essa grande aventura de poder cantar.
Amanheceu, peguei a viola botei na sacola e fui viajar.

Chegou a noite e me pegou cantando, num bailão, no norte lá do Paraná.
Daí pra frente ninguém mais se espanta, e o resto da noitada eu não posso
contar.

Anoiteceu, e eu voltei pra casa, que o dia foi longo e o sol quer descansar.

Concluimos retornando ao Pessoal do Ceará com Augusto Pontes que foi uma das principais referências desta geração de intelectuais e artistas que na década de 1960 nutriram o sonho de levar suas canções para todo o Brasil para serem ouvidas, cantadas, repetidas e especialmente reconhecidas na cidade de origem. Belchior reconhece que Augusto Pontes trazia essa visão antes mesmo dos seus pares arrumarem as malas:

Eu sempre coloquei pra mim mesmo a questão de se a nossa ótica podia ombrear os baianos, os mineiros, com diversos grupos que estavam estabelecidos, não que eu duvidasse disso, mas era uma questão pra mim, era uma questão posta. O Augusto tinha a certeza íntima e pública disso, de que a gente vai lá e desponta. (Belchior, 20 de junho de 2006).

Esta certeza Augusto Pontes transformou em poesia que Ednardo musicou.

CARNEIRO
(Ednardo e Augusto Pontes)

Amanhã se der o carneiro
O carneiro
Vou m'imbora daqui pro Rio de Janeiro
As coisas vem de lá
Eu mesmo vou buscar
E vou voltar em vídeo tapes
E revistas supercoloridas
Pra menina meio distraída
Repetir a minha voz
Que Deus salve todos nós
E Deus guarde todos vós

Existem muitas outras canções que reforçam as ideias expostas até aqui, contudo não pretendemos realizar uma análise exaustiva. Apontamos – inclusive para possíveis futuros trabalhos – que, assim como estas apresentadas, outras poderão ser analisadas a partir de uma interpretação

semiológica seguindo os estudos de Tatit (2007) que aprofunda a análise esclarecendo o sentido gerado no encontro de letra e melodia.

Este texto apresentou as narrativas cantadas pelos próprios artistas confirmando a ideia da formação de músicos pela viagem.

REFERÊNCIAS

AIRES, Mary Pimentel. **Terral dos Sonhos: o cearense na música popular brasileira**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil/Gráfica e Editora Arte Brasil, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOURA, Dalwton. **O tempo e as canções**. Diário do Nordeste, Fortaleza, 06 maio 2004. Caderno 3. Disponível em: <<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=160023>>. Acesso em: 20 de jan. 2011.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de. **Minas dos cataguases – Entradas e bandeiras nos sertões do Eldorado**. Varia Historia. version ISSN 0104-8775. Varia hist. vol.21 no.33 Belo Horizonte 2005. doi: 10.1590/S0104-87752005000100009.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752005000100009&lang=pt. Acessado em 22 de janeiro de 2011.

ROGÉRIO, Pedro. **Pessoal do Ceará: *habitus* e campo musical na década de 1970**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

_____. **A viagem como um princípio na formação do *habitus* dos músicos que na década de 1970 ficaram conhecidos como “Pessoal do Ceará”** defendida no Programa de Pós Graduação em Educação / Eixo Ensino de Música da Universidade Federal do Ceará – UFC. 2011

TATIT, Luiz. **Semiótica da canção**. São Paulo: Editora Escuta, 2007.

DISCOGRAFIA

A MALA (Rodger Rogério e Augusto Pontes). Disco “Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem”, Continental, 1973.

AMANHECEU, PEGUEI A VIOLA (Renato Teixeira). Disco "Amizade Sincera". RCA, 1990.

BYE, BYE BAIÃO (Rodger Rogério e Dedé Evangelista). Disco "Chão Sagrado". RCA, 1974.

CAIS (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos). Disco "Clube da Esquina", EMI-ODEON, 1972.

CARNEIRO (Ednardo e Augusto Pontes). Disco "Pavão Mysteriozo". RCA Victor, 1974.

CAVALO FERRO (Fagner e Ricardo Bezerra). Disco "Manera Fru Fru Manera", Polygram, 1973.

CAVALO FERRO (Fagner e Ricardo Bezerra). Disco "Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem", Continental, 1973.

CHÃO SAGRADO (Rodger Rogério e Belchior). Disco "Chão Sagrado", RCA, 1974.

CLUBE DA ESQUINA Nº2 (Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges) Disco "Clube da Esquina", EMI-ODEON, 1972.

CURTA METRAGEM (Rodger Rogério e Dedé Evangelista). Disco "Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem", Continental, 1973.

INGAZEIRAS (Ednardo). Disco "Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem", Continental, 1973.

MOTO 1 (Fagner e Belchior). Disco "Manera Fru Fru Manera", Polygram, 1973.

MUCURIBE (Fagner e Belchior). Disco "Manera Fru Fru Manera", Polygram, 1973.

NADA SERÁ COMO ANTES (Milton Nascimento e Ronaldo Bastos). Disco "Clube da Esquina", EMI-ODEON, 1972.

NASCI PARA CHORAR (*Born to cry*) de Dion e Dimucci (versão de Erasmo Carlos). Disco "Manera Fru Fru Manera", Polygram, 1973.

NUVEM CIGANA (Lô Borges e Ronaldo Bastos). Disco "Clube da Esquina", EMI-ODEON, 1972.

PALMAS PRA DAR IBOPE (Ednardo e Tânica Araujo). Disco "Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem", Continental, 1973.

SAÍDAS E BANDEIRAS Nº1 (Milton Nascimento e Fernando Brant). Disco "Clube da Esquina", EMI-ODEON, 1972.

SAMPA (Caetano Veloso). Disco "Muito (Dentro da Estrela Azulada)", Philips, 1978.

SINA (Patativa do Assará, Fagner e Ricardo Bezerra). CAVALO FERRO (Fagner e Ricardo Bezerra). Disco "Manera Fru Fru Manera", Polygram, 1973.

TERRAL (Ednardo). Disco "Meu Corpo Minha Embalagem Todo Gasto na Viagem", Continental, 1973.

TREM AZUL (Lô Borges e Márcio Borges). Disco "Clube da Esquina", EMI-ODEON, 1972.

TUDO O QUE VOCÊ PODIA SER (Lô Borges e Márcio Borges). Disco "Clube da Esquina", EMI-ODEON, 1972.

ÚLTIMO PAU DE ARARA (Venâncio, Corumbá e J. Guimarães). Disco "Manera Fru Fru Manera", Polygram, 1973.